

Quadrinista volta a criar suas tirinhas usando IA

PÁGINA 3



San Sebastián eleva interesse por 'Ainda Estou Aqui'

PÁGINA 5



Augusto Ordine, do Ordinarius, lança seu 1º álbum solo

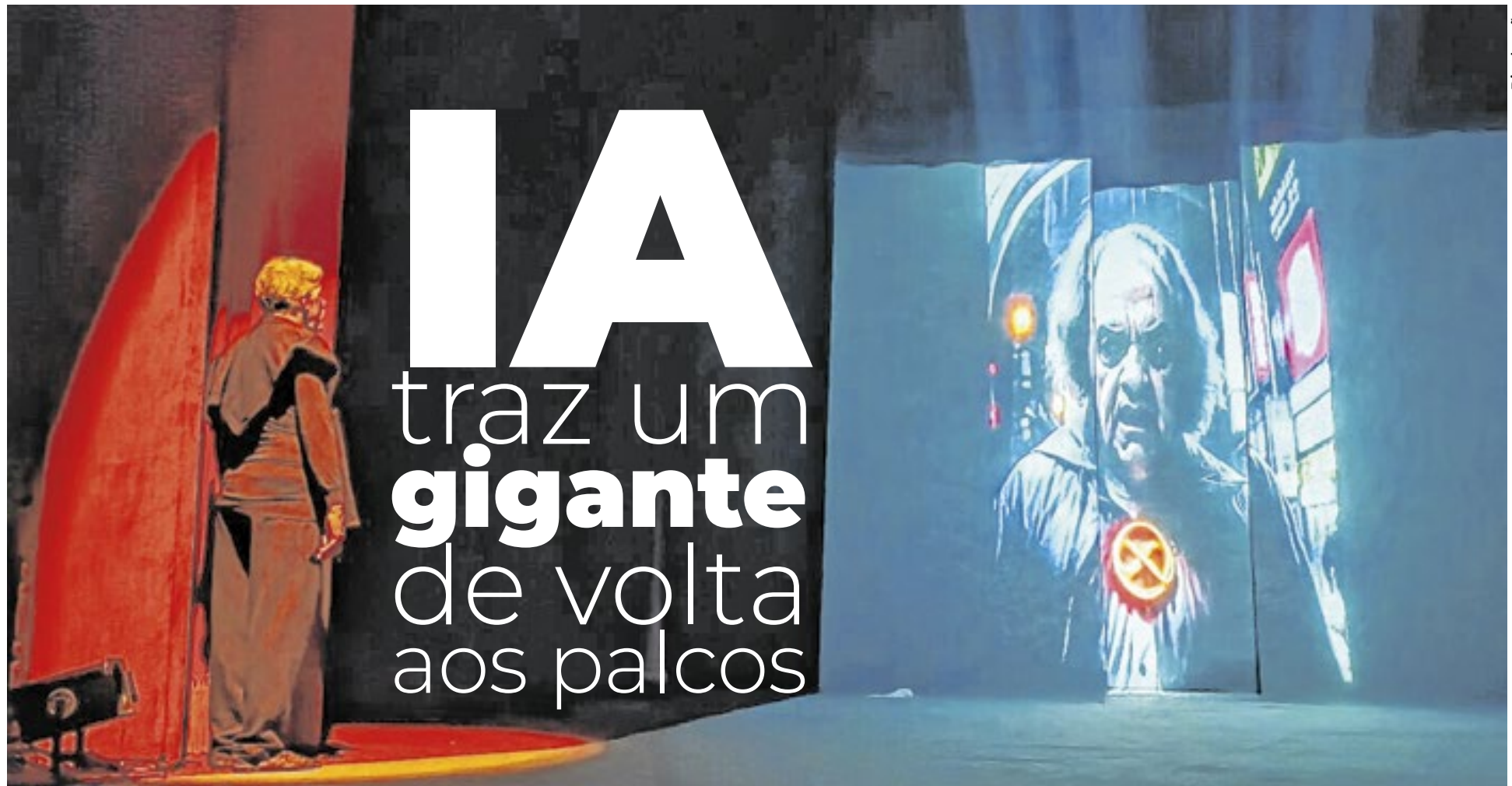
PÁGINA 6



## 2º CADERNO

# IA

traz um gigante de volta aos palcos



Divulgação

O mestre Antônio Abujamra (1932–2015), que faria 92 anos no dia 15 de setembro, está sendo homenageado com uma performance inédita da aclamada companhia que fundou, Os Fodidos Privilegiados, com participação de Antonio Grassi e sob a batuta do seu filho, o premiado músico André Abujamra, em sua primeira direção teatral. O texto escolhido faz parte dessa história: “Hamleto”, do italiano Giovanni Testori e baseado no “Hamlet” de William Shakespeare. A curtíssima temporada vai até o dia 29 no Teatro Dulcina, sede da companhia nos anos de 1990.

“Hamleto” tem como tema a busca de

Filho do ator e diretor, André Abujamra recorre à tecnologia para dar vida ao artista morto em 2017 no espetáculo ‘Hamleto, em cartaz no Teatro Dulcina

um príncipe para vingar a morte de seu pai. A trama densa evoca conflitos de família, amores, loucura e sanidade, filosofia, poder e moralidade. Antônio Abujamra dirigiu cinco encenações do texto, sempre atualizando sua adaptação: “O Hamlet” (SP, 1981, elenco masculino), “O Hamleto” (SP, 1984, elenco feminino), “Hamletto” (NY, 1986, elenco feminino), “Um Certo Hamlet” (RJ, 1991, elenco feminino) e “Hamlet É Negro” (RJ, 2002, elenco de atores e atrizes negros). Nesta nova montagem, contemplada no Programa Funarte Aberta, o “Hamleto” de Giovanni Testori ganha interferências atuais de projeção e linguagem do Tik Tok, Inteligência Artificial que recria a figura de Antonio Abujamra e músicas originais, sob a visão moderna e multimídia de André Abujamra.

Nesta montagem, o premiadíssimo músico André Abujamra, filho do mestre, assina a direção e traz a Inteligência Artificial para a cena carioca. Em meio a projeções inusitadas que compõem o cenário, os personagens se apresentam anarquicamente acompanhados pelo coro. A peça se desdobra em diálogos do teatro com o áudio visual. A trilha, composta também por Abujamra filho, é um espetáculo à parte e faz atores e espectadores mergulharem num universo único criado para uma verdadeira festa teatral inventiva e ousada, características da companhia.

“Vamos levar alegria, rigor e caos ao palco! Ciganos do underground, os Fodidos Privilegiados estão vivos e potentes recriam o legado, se reinventam”, exalta o diretor.

**Continua na página seguinte**



## CORREIO CULTURAL

Edson Filho/Divulgação



Lucas Zaffari vive um dos brasileiros refugiados

## Longa mostra drama de brasileiros no Chile de Pinochet

Premiado suspense político “Ainda Somos os Mesmos”, com Edson Celulari, Carol Castro e Lucas Zaffari no elenco, tem sua estreia confirmada para esta quinta (26). O filme, escrito e dirigido por Paulo Nascimento, é baseado em relatos reais de sobreviventes brasileiros na ditadura chilena nos anos 1970.

Premiado como Melhor Fil-

me Independente no Montreal Independent Film Festival 2023, o filme se passa em 1973 no Chile, quando o país era considerado um dos mais perigosos do mundo após o golpe de estado de Pinochet. O fio condutor da história é o personagem Gabriel (Lucas Zaffari), que foge da ditadura militar no Brasil para cair em outra situação de risco.

### Relançamento

O cultuado “Acústico: Novos Horizontes” (2007), dos Engenheiros do Hawaii, ressurge 17 anos depois em vinil duplo lançado pela Universal Music. “Novos Horizontes” é a única obra do grupo em que eu não mexeria”, diz Humberto Gessinger.

### No ar

Celebrando seus 40 anos de carreira como atriz e com 42 filmes no currículo, Dira Paes lançou este ano ‘Pasárgada’, longa que marca sua estreia como diretora. A gravou na última semana sua participação no Traz a Pipoca, podcast de cinema do Telecine.

### Doc. e álbum

A gravadora Trama acaba de disponibilizar em seu canal no YouTube o documentário “Claudio Zoli – Os Primeiros 20 Anos” e anuncia o lançamento da edição remasterizada do álbum “Férias”, um marco divisor na carreira do cantor e compositor.

### Vozes d’Africa

O 19º RioHarpFestival apresenta nesta segunda-feira (23), às 12h30, no CCBB Rio o Coral “Vozes da África”, um coro de 55 vozes sob a regência de Luis Lima e com a participação especial de Muso N’Goni e Mukanya (Brasil). Grátis.

# Um legado de olhar crítico sobre a sociedade

Divulgação

**A**ntonio Abujamra (ou Abu, como era chamado por muitos colegas) era conhecido por sua paixão pelo teatro, sua irreverência e seu olhar crítico sobre a sociedade. Suas peças, muitas vezes adaptadas de clássicos da literatura, eram marcadas por um forte componente político e social.

Fundada em 1991, a Cia Os Fodidos Privilegiados estreava, em 14 de junho daquele ano, “Um certo Hamlet”, no Teatro Dulcina. Com um elenco totalmente feminino, o espetáculo rendeu a Vera Holtz a premiação de melhor atriz na quarta edição do Prêmio Shell de Teatro e a Antônio Abujamra o Prêmio Molière de melhor direção, no mesmo ano. Do elenco participavam também Ana Jansen, Cláudia Abreu, Deborah Catalani, Rafaela Amado, Sofia Torres e Suzana Faini.

Com um repertório diversificado e engajado, Os Fodidos Privilegiados montaram diversos espetáculos abordando temas como a condição humana, a violência, a política e a sexualidade ao longo de sua trajetória.

Em 1996, a companhia estudou toda a obra do dramaturgo Nelson Rodrigues, em especial peças de teatro, folhetins, e o romance “O casamento”, cuja adaptação teatral o grupo estreou, no ano seguinte, com direção de Antônio Abujamra e João Fonseca, no Festival de Curitiba (com sucesso de crítica e público). Naquele ano e nos seguintes, encenou a obra em diversos festivais, nacionais e internacionais, e recebeu o Prêmio Shell – Direção e Figurino, além da indicação de Melhor Atriz, para Guta Stresser.

Em 2003, Abujamra, à frente do Teatro Glória, fez uma mon-



Antonio Abujamra levou suas reflexões para o palco através da Cia. Os Fodidos Privilegiados

Reprodução



Vera Holtz: atuação premiada em ‘Um Certo Hamlet’, em 1991

tagem da peça com um elenco composto por pessoas pretas. Em 2021, sob a direção de João Fonseca, diretor artístico da companhia desde 2001, após a saída de Antonio Abujamra, dirigiu a leitura dramatizada do texto, em homenagem ao mestre, pelo Itaú Cultural, de forma híbrida, com dois elencos integrantes do coletivo – feminino e masculino –, com o título “Um Outro Hamlet”.

Mesmo sem subsídio permanente, a companhia desenvolve oficinas, seminários, grupos de estudos e pesquisa, leituras dramáticas, tributos e montagens de textos clássicos e contemporâneos de autores nacionais e estrangeiros. Sempre com foco na investigação de linguagem e ampliação de plateias no teatro, horizontes que pautam sua linha de atuação no mercado cultural brasileiro.

### SERVIÇO

HAMLETO

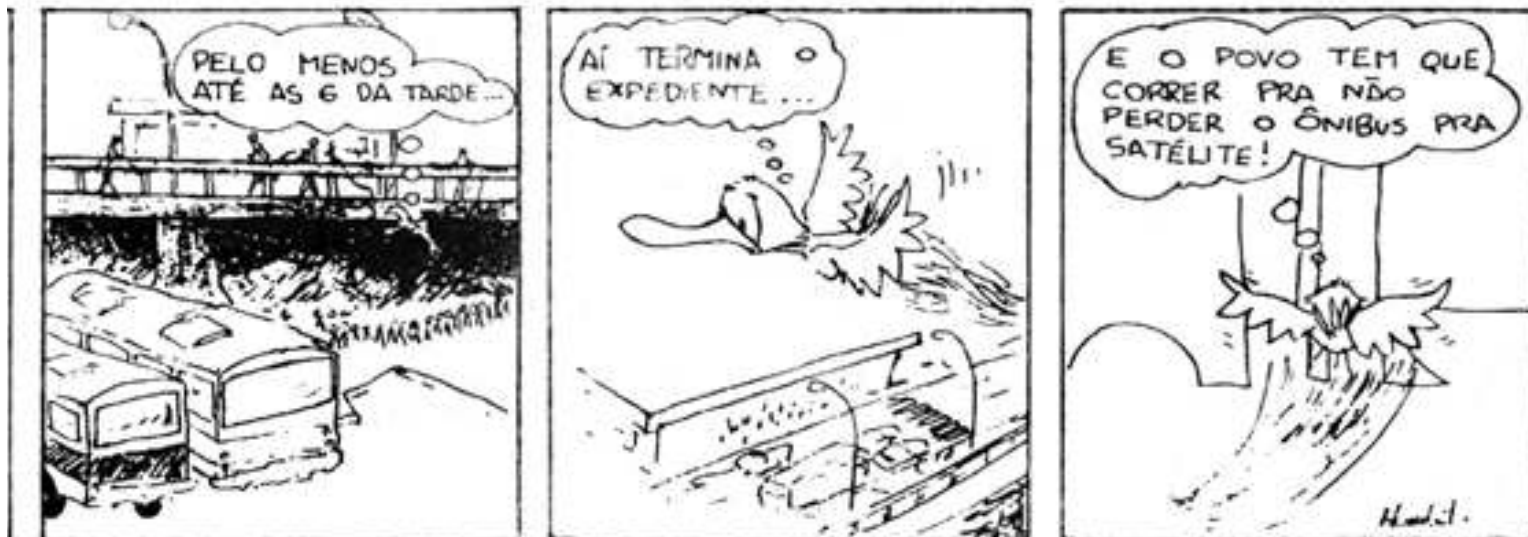
Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17, Cinlândia)

Até 29/9, sexta e sábado (19h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)



Humberto Junqueira



Tirinha inédita do Eixinho, tira criada por Humberto Junqueira, para o Correio da Manhã

# Tecnologia a serviço da arte

Uso de inteligência artificial faz com que artista deficiente visual volte a criar suas tirinhas

Por Mayariene Castro

Entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990, um passarinho feito de nanquim em uma folha de papel habitou o imaginário das pessoas em Brasília.

Do alto de um ninho no alto do Congresso Nacional, Eixinho, o Monumental observava e fazia comentários bem humorados sobre o que acontecia. Foram quase três mil tiras criadas. A tirinha em quadrinhos tornou-se um sucesso. Chegou a ter admiradores renomados, como os cartunistas Ziraldo e Jaguar, que chegou a publicá-las nas páginas do jornal O Pasquim.

Mas o autor do Eixinho, o publicitário Humberto Junqueira, nasceu com uma condição genéti-

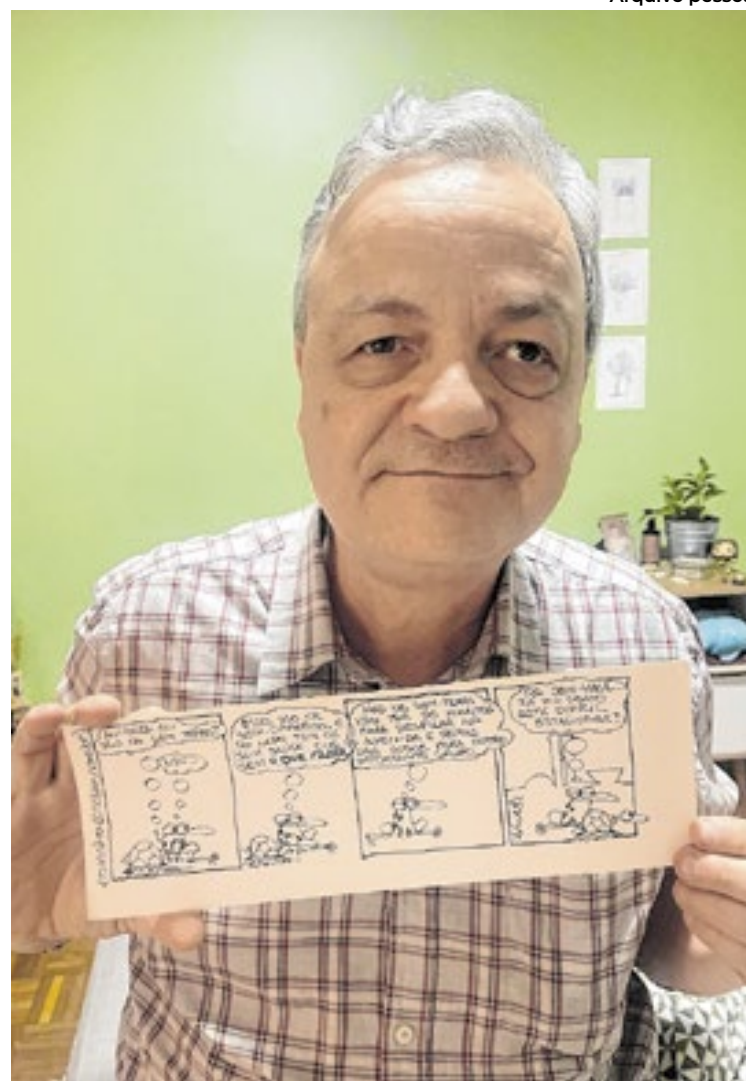
ca, a retinose pigmentar, que o faz perder a visão. Sem condições de continuar desenhando, Humberto parou de fazer as tiras.

Até agora. Com o uso de novas tecnologias, Humberto vem desenvolvendo ferramentas que lhe permitiram, a partir dos antigos desenhos, criar novas histórias, que ele vem publicando em um perfil no Instagram (@eixinho\_omumental).

## Ferramenta

“A ferramenta me permite pegar todas as expressões e movimentos do Eixinho. Ele alegre, ele triste, olhando para cima, para baixo. E elas podem ser usadas outra vez em novas histórias, em novo contexto”, explica Humberto.

“Com isso, o Eixinho pode voltar a voar”, comemora o publi-



Humberto Junqueira e sua criação: Eixinho, o Monumental, uma ave que vive na capital federal

citário.

A arte é reconhecida como uma ferramenta poderosa de inclusão, especialmente para pessoas com deficiência. O testemunho de Humberto Junqueira, que perdeu a visão por uma condição gené-

tica, evidencia como a arte pode desafiar percepções e fomentar a admiração.

Ele observa que muitas vezes, pessoas com limitações são vistas como incapazes. No entanto, quando um artista deficiente visual

cria uma obra admirada, isso altera a percepção do público, demonstrando que ele pode realizar feitos criativos que muitos não imaginariam ser possíveis. Segundo ele, a arte não é apenas uma forma de expressão; é um elemento transformador na vida das pessoas.

“Então, quando um deficiente visual consegue expressar alguma coisa que é admirada pelos outros, uma escultura, um quadro, música, dança, naturalmente ele passa a ser incluído, porque ele passa a ser admirado por algo que as pessoas imaginam que ele não seria capaz de fazer. Então, a arte com a sua mágica tem esse poder. A arte não alimenta ninguém, a arte não cura doença nenhuma, mas ela alimenta a alma e cura a cabeça das pessoas. Ela tem um poder de transformar”.

O artista acredita que suas criações podem inspirar outros a reconhecerem o potencial de pessoas com deficiência. “A arte tem o poder de mostrar que o deficiente visual é tão capaz quanto qualquer outra pessoa”, afirma.

## Futuro

Agora, as novas tecnologias possibilitam a Humberto o retorno às tiras de quadrinhos. E Humberto aposta muito que tal possibilidade seja a base do seu futuro.

O retorno do Eixinho, segundo Humberto, tem duas fases. Na primeira, a atual, o artista conseguiu digitalizar boa parte das suas tiras originais. E, assim, ter um arquivo das várias expressões e movimentos do seu personagem. Então, a partir disso, ele cria novos roteiros e um auxiliar monta a partir das suas orientações as novas tiras.

Ele conta, porém, que foi procurado por uma empresa de inteligência artificial. No futuro, ele mesmo, a partir de comandos de voz, poderá ir orientando a ferramenta de inteligência artificial a montar novas tiras. “É preciso desmistificar a ideia da inteligência artificial. Não é que ela fará por mim. Ela irá me auxiliar. Mas a criação continuará sempre sendo minha”, explica.

É um caminho para possibilitar novos patamares de acessibilidade. Que servirão para ele e para outros.

Arquivo pessoal



Retrospectiva de San Sebastián resgata a tradição do poliziesco, o thriller policial da pátria de Fellini, que lutou salas de exibição com estrelas como Gian Maria Volontè e Franco Nero

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**mbora seja mais lembrado pelo papel do caubói Django, Franco Nero já combateu milícias na Sicília em filmes como “O Dia da Coruja” (“Il Giorno Della Civetta”, 1968), que expandiram o investimento do cinema italiano nas fronteiras do gênero. Efeito similar teve “Roma Armada” (1976), de Umberto Lenzi, e “Milão Calibre 9” (1972), de Fernando Di Leo. Os três campeões de bilheteria fazem parte de uma das mostras mais disputadas pelo público e pelos convidados deste ano do Festival de San Sebastián, iniciado na sexta-feira no norte da Espanha.

Composta por 21 longas-metragens rodados entre 1943 e 2023, essa retrospectiva se chama “Itália Violenta” e reúne cults do filão chamado poliziesco. Esse é o termo uti-

# Tropa de Elite à italiana



**Gian Maria Volontè no thriller político de Elio Petri ‘Investigação Sobre Um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita’**

lizado para designar thrillers de crime, muitos deles de tónus político, rodados na terra de Federico Fellini. Uma terra de gigantes (Rossellini, De Sica, Fellini, Visconti, Antonioni, Pietro Germi, Pier Paolo Pasolini, Elio Petri, Lina Wertmüller, Valerio Zurlini), próspera na seara do terror (com o giallo de Dario Argento), no faroeste (com as marcadas de Sergio Leone, Tonino Valerii

e Sergio Corbucci), nos épicos de gladiador (o Peplum) e nas chanchadas com Carlo Pedersoli e Mario Girotti (conhecidos como Bud Spencer e Terence Hill). Dois historiadores da imagem em movimento, Quim Casas e Felipe Cabrerizo, foram os organizadores da revisão dos anti-heróis policiais proposta pela maratona ibérica.

“A primeira reação do cinema italiano,

após o veto sofrido durante 20 anos de censura fascista, foi imitar os modelos de crime francês e americano que chegaram subitamente à Itália no final da guerra”, dizem os dois curadores em resposta por e-mail em dupla. “Essa imitação seguia uma característica singular: o filme policial deles foi tingido com os ares do neorealismo, o que lhe deu uma linha própria, longe dos formatos de outros países. Isso permitiu a cristalização, em 1959, daquele que pode ser considerado o primeiro filme policial italiano afastado de qualquer referência estrangeira, ‘Aquele Caso Maldito’, de Pietro Germi”.

Quim e Cabrerizo incluíram o sucesso de Germi no cardápio que prepararam para San Sebastián. Trouxeram de volta ainda alguns marcos do suspense político à italiana, entre os quais “Investigação Sobre um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita” (1970), de Elio Petri, ganhador do Grande Prêmio do Júri de Cannes e do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. A cearense Florinda Bolkan é parte de seu elenco. A seu lado está Gian Maria Volontè, expoente do poliziesco, que, segundo os especialistas espanhóis desfrutou de um star system particular.

“Nos primeiros anos do pós-guerra o papel brilhante de Massimo Girotti num filme tão insólito como ‘Obsessão’ fez dele a primeira estrela do gênero”, dizem Quim e Cabrerizo, “No fim dos anos 1960, quando aconteceu uma passagem do western para o poliziottesco, duas grandes estrelas do spaghetti, Franco Nero e Tomas Milian, tornaram-se os rostos mais visíveis do gênero. O sucesso do poliziesco gerou a necessidade de multiplicar os seus atores, o que inclui figuras importantes como Giuliano Gemma, Enrico Maria Salerno, Franco Testi, Maurizio Merli, Antonio Sabàto e Franco Gasparri”.

## Memórias senegalesas

Sob as bênçãos dos orixás, “Dahomey”, um documentário de 68 minutos feito entre o Benin, o Senegal e a França, pela atriz e cineasta Mati Diop, encontrou espaço nobre na safra autoral de 2024 ao conquistar o Urso de Ouro da Berlinale, em fevereiro. Escalado para representar o audiovisual senegalês na corrida por uma vaga na competição pelo Oscar de Melhor Filme Internacional do ano que vem, o longa-metragem arrebatou novos fãs em sua passagem por San Sebastián, no fim de semana. As projeções por lá foram uma

forma de expandir o prestígio de Mati e ampliar o espaço dessa investigação antropológica nos debates políticos sobre o sucateamento do relicário africano.

“Meu empenho com ‘Dahomey’ é expor as ramificações do colonialismo e apontar onde a violência é praticada”, disse Mati ao Correio da Manhã, na capital alemã.

Laureada em 2019 com o Grande Prêmio do Júri de Cannes de 2019 por “Atlantique” (lançado no Brasil via Netflix), Mati dá uma aula de geopolítica

em “Dahomey, trilhando caminhos de fantasia. Seu roteiro é estruturado como a cartografia do tráfego de uma série de relíquias beninenses, surrupiadas por colonizadores europeus, de volta ao lar. Uma dessas peças, uma estátua chamada de Número 26, é quem narra a rapinagem histórica sofrida por populações da África, como se fosse uma entidade.

“É preciso restituir para reconstruir”, disse Mati, ao falar do papel estratégico de sua narrativa, que será lançada no Brasil via streaming, na plataforma MUBI. (R.F.)

Divulgação



**Ganhador do Urso de Ouro de Berlim, ‘Dahomey’ flagra luta pela preservação da memória africana**



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Laureado com o Urso de Ouro de Berlim (por “Central do Brasil”), indicado três vezes à Palma Dourada de Cannes e recém-consagrado nas telas de Veneza e Toronto, Walter Salles inclui San Sebastián com um revelo afetivo considerável em sua (boa) relação com os festivais internacionais ao lembrar que foi dali, da Espanha, que seu “Terra Estrangeira” (codigido por Daniela Thomas, em 1995) zarpu para o mundo.

Na sexta, no sábado e no domingo, o novo (e badaladíssimo) longa-metragem do cineasta, o co-movente “Ainda Estou Aqui”, reaproximou o diretor do evento espanhol, numa série de projeções cercada de aplausos, olhos marejados e curiosidades bascas acerca do que foram as ditaduras sul-americanas.

Fala-se por todos os cantos do evento na inclusão de Salles entre os potenciais candidatos ao Oscar 2025. Sua sorte pode aumentar nesta segunda-feira, quando a Academia Brasileira de Cinema decide (a partir de uma lista de seis títulos) que produção vai representar nosso país na corrida por uma vaga na competição mais famosa de Hollywood.

Hoje no Velho Mundo, os desempenhos de Fernanda Torres e de Selton Mello no longa de WS, baseado em um romance homônimo de Marcelo Rubens Paiva, só fazem acumular o afeto e a adesão do público ibérico, que pode dar a Salles o prêmio de júri popular da mostra paralela Perlak. Em terras venezianas, o drama ambientado em 1971, em 1996 e em 2014 (entre saltos temporais elegantemente editados por Affonso Gonçalves) foi agraciado com a láurea de Melhor Roteiro,

## Palmas para a Palma de Cannes

Hilariante e frenético, “Anora” pode ser chamado de comédia, pode ser encarado como um marco do cinema indie americano e pode, sem qualquer dúvida, fazer parte do panteão dos ganhadores do Festival de Cannes, depois de conquistar a Palma de Ouro de 2024, em maio.

Não por acaso entrou na grade de San Sebastián, na mesma mostra em que está

# Walter Salles às portas do Oscar

San Sebastián amplia a forte adesão europeia ao novo longa do diretor, ‘Ainda Estou Aqui’, que pode ser eleito hoje o representante brasileiro na corrida à estatueta de Hollywood



Divulgação

Salles orienta Fernanda Torres no set de ‘Ainda Estou Aqui’

dada a Murilo Hauser e Heitor Lorega.

“Minha geração chegou ao cinema após 21 anos de ditadura militar, de 1964 a 1985. Muitas histórias não puderam ser contadas durante esses anos de chumbo. Teria sido lógico abordá-las, mas o desastre do governo

Collor no início dos anos 1990 nos obrigou a lidar com uma realidade imediata de um país novamente em crise. Daí, no meu caso, ‘Terra Estrangeira’ e depois ‘Central do Brasil’. Quando a extrema direita começou a ganhar força no Brasil, ficou claro o quanto nossa

memória dos anos de ditadura militar era frágil”, lembra Salles, em entrevista por e-mail ao Correio da Manhã.

Produzido por Maria Carlota e Rodrigo Teixeira, esse drama marca a volta de Salles à ficção 12 anos depois de “On The Road”. No centro da dramaturgia, uma família, os Paiva: Rubens (Selton Mello), Eunice (Fernanda Torres), filhas e filho (no caso, o jovem Marcelo, que viria a escrever “Feliz Ano Velho”). Eles vivem na frente da praia, numa casa de portas abertas para os amigos, com música e alegria reinantes. Vivem assim até o dia em que Rubens é levado por agentes do governo à paisana e desaparece. Eunice - cuja busca pela verdade sobre o destino de seu marido se estende por décadas - é obrigada a se reinventar e traçar um novo futuro para si, sua prole e para a luta pela democracia. Fernanda Montenegro vive Eunice em idade mais avançada.

“Propor novos reflexos desse período me pareceu vital para entender melhor o trauma vivido, e não repetir os mesmos erros do passado. Em ‘Ainda Estou Aqui’, o Estado invade o coração de uma família, decide quem vai viver ou morrer, faz um corpo desaparecer. Em 2021, um presidente concedeu medalhas de honra a torturadores daquela época. Este filme, que entrou em gestação antes desses anos terríveis, infelizmente parece ser não apenas um filme sobre um passado remoto, mas sobre os perigos das novas formas de autoritarismo que rondam o Brasil e o mundo. O filme é um grão de areia num universo muito amplo, e espero que muitos outros filmes e livros possam trazer mais relatos desse tempo”, torce Salles.

A participação brasileira em San Sebastián ampliou-se domingo na mostra Horizontes Latinos, na qual “Cidade; Campo”, de Juliana Rojas, foi exibida em competição. Já lançada no Rio, a produção ganhou o prêmio de Melhor Direção na Berlinale, na seção Encontros. A realizadora arrebatou fãs pelo modo como celebra a força feminina e como enfrenta tabus recorrentes na representação do amor queer.

Divulgação



‘Anora’: conto de fadas ao contrário

“Ainda Estou Aqui”, a Perlak, disputando com Walter Salles e outras vozes autorais o prêmio do júri popular basco.

Nesta segunda-feira (23) a maratona espanhola confere essa Cinderela do avesso, acompanhando as confusões com as quais uma profissional do sexo, que dança num clube privê, acaba sendo envolvida depois de se casar com um jovem milionário russo.

Seu diretor é Sean Baker, que nasceu em Nova Jersey há 53 anos e tem em seu currículo pérolas como “Tangerina” (2015) e “Projeto Flórida” (2017). Sábado ele veio à Espanha dar uma palestra sobre sua forma de filmar, propondo um redesenho das noções de princesas, príncipes encantados e prazer fugaz. “Esse filme é para todas as trabalhadoras do sexo”, disse Baker. (R. F.)



Bruno Braz/Divulgação



*Criador e diretor musical do sexteto vocal Ordinarius, Augusto Ordine se aventura em modo solo em 'A Beleza Precisa de Abrigo', álbum criado em parceria com o poeta e letrista Mauro Aguiar num processo que teve início durante a pandemia*



# A beleza que mora ao lado

Augusto Ordine, do Ordinarius, lança seu primeiro álbum solo. Trabalho reúne 10 parcerias felizes com o letrista Mauro Aguiar

Por **Affonso Nunes**

**C**antor, arranjador, compositor e regente, Augusto Ordine é conhecido por ser a mente criativa por trás do Ordinarius - um respeitado sexteto vocal da cena musical carioca. Ao mesmo tempo em que o grupo acaba de lançar um novo álbum, o nono, Ordine decide assumir seu lado

autoral em “A Beleza Precisa de Abrigo”, disco que chegará às plataformas digitais nesta sexta-feira (27) e que o Correio ouviu antes. É um trabalho eclético, rico em soluções melódicas e com letras criativas assinadas pelo compositor Mauro Aguiar, que podemos chamar de poeta plural.

Rebobinando: a parceria começou a partir de um poema dedicado a João Gilberto. Mauro escreveu “João” após a morte do gênio criador da batida da bossa nova. O poema chegou até as mãos de Ordine que logo criou uma melodia para aquela letra. Mauro ficou encantado com o resultado e mandou, em seguida, diversas letras para Augusto. Assim nasceu “A Beleza Precisa de Abrigo”, primeiro álbum autoral solo de Augusto Ordine.

“A Beleza Precisa de Abrigo” reúne 10 faixas, todas compostas por Mauro e Augusto, em letra e melodia, respectivamente. A produção musical e os arranjos são de Ordine e o lançamento também terá show no Centro da Música Carioca Artur da Távola, na Tijuca,

nesta sexta-feira (27), às 19h.

Após concluir “João”, primeira faixa do projeto, Augusto foi se debruçando sobre a obra de Mauro, afinando a sintonia com o parceiro, em meio à pandemia. “Foi divertido esse processo porque o Mauro mandava as letras com instruções. Elas chegavam com bilhetinhos dizendo: ‘essa aqui tem a cara do Gilberto Gil’. Ou ainda: ‘essa é bem buarqueana’. Mesmo à distância, a nossa sintonia foi perfeita e, à medida que fui compondo, mostrava o resultado, e íamos nos unindo musicalmente”, lembra Ordine.

O disco traz uma sonoridade acústica, com arranjos refinados e complexos para ritmos bem brasileiros como MPB, baião e bossa, criados a partir de instrumentos como violão, violoncelo, piano, entre outros. Já as letras são uma atração à parte, e apresentam versos poéticos, românticos, irônicos, sagazes, e com divertidas e criativas rimas e jogos de palavras. Todas as faixas são escritas por Mauro Aguiar, letrista com canções gravadas

por nomes como Ney Matogrosso, Guinga, Paulinho Moska, entre outros. Um destaque é a faixa “Invisível”, que narra a saga dos músicos independentes com muita ironia. Letra e melodia são assumidamente inspiradas em “Construção”, de Chico Buarque.

Autor de todos os arranjos do Ordinarius, criado por ele, esta é a primeira vez que Augusto se dedica a um repertório autoral de canções. “Sou reconhecido como arranjador, intérprete e nem tanto como compositor. Porém, gosto muito de fazer isso, então quis gravar as minhas canções e me divertir fazendo esse disco”, explica o artista, que tem mais de 20 anos de carreira e que já teve canções compostas para trilhas e projetos educativos, especialmente na TV, como “Fantástico”, “TV Xuxa”.

A cantora e compositora Maíra Martins, companheira de Augusto e cantora do Ordinarius, faz participação nas faixas “Os Acróbatas”, “Vou de Voz” e “Soube”, já lançadas previamente como singles. Junto com o disco, sai a inédita “Chamego em Cacho”, um baião divertido e dançante que tem featuring do Ordinarius.

“Os Acróbatas”, uma das mais românticas do álbum, fala de uma aventura a dois, dois imensos oceanos. Já “Pierrei” é uma típica canção carnavalesca, festiva e repleta de termos em francês e rimas divertidas. Inspirada em Aldir Blanc, que gostava de rimar com estas palavras.

“Mauro se inspira muito na tradição da nossa música, ele conversa muito com os grandes nomes, brinca com os ícones e trabalha em cima de pequenos detalhes, jogos de palavras, com muita sensibilidade. Ele se propõe a trazer sempre uma coisa nova, criativa e original, é um trabalho admirável, que se tornou um motor criativo para as melodias”, diz Augusto.

Já “Infindo”, faixa que tem o verso “A Beleza Precisa de Abrigo”, que dá nome ao disco, brinca com a ideia do infinito, em um jogo de palavras, que conta com uma levada viajante e um arranjo vocal de diversas vozes, trazendo uma ideia de amplitude que tem tudo a ver com os versos. A música, já lançada previamente, também tem clipe no ar.

“Por se tratarem de canções bastante complexas em relação às letras, o processo de composição da melodia foi bastante cuidadoso. Essa coisa que o Mauro tem de tratar com carinho a nossa linhagem musical passa um pouco por ouvir esses autores e brincar de misturar, quase numa proposta tropicalista de encarnar o personagem, não no sentido da interpretação, mas da composição”, completa Augusto.



# Nas dobraduras da poesia se fez canção

No álbum 'Origami', Tatiana Dauster lança um olhar feminino sobre amor, sensualidade, boêmia, política e humor

**A** multiartista carioca Tatiana Dauster se desdobra em muitas em seu novo álbum de estúdio, "Origami". Produzido por Emiliano Sette, o álbum reúne poemas recriados em música, gravados com um espírito de performance livre ao vivo. O repertório do álbum é uma junção de composições com parceiros de longa

data, como Jam da Silva, Wagner Pá e Magali, e inclui uma parceria com Jorge Mautner em "O Amor é Fatal".

"O Origami tem dobras, tem papel, tem poesia, tem brincadeira. Você cria diversas formas, é divertido e poético! Achei uma boa analogia para o que penso sobre esse disco, que se desdobra em diversos ritmos sem perder a unidade tím-

**Tatiana explica o conceito do origami neste trabalho: 'Uma boa analogia para o que penso sobre o disco, que se desdobra em diversos ritmos'**

brica", conta Tatiana.

E o disco passa pelo samba (como "Mar" de Beto Brown com poesia de Fernando Pessoa), por uma explosão de alegria carnava-

lesca ("Chua", uma marchinha em parceria com Magali) e uma MPB leve (como em "Azul", em parceria com Guilherme Guimarães e Wagner Pá). Tudo para falar, com um olhar feminino, sobre o amor, a sensualidade, a boêmia, a política e o humor. Essa multiplicidade é a base de criação do álbum que tem como destaque a parceria com Mautner.

Edu Monteiro/Divulgação

"O Mautner é um marco pro disco. Em 2015, eu o conheci e chamei ele para fazer o meu show no festival Verão no Castelinho (do Flamengo). Nós lotamos o lugar e desde então, criamos um carinho um pelo outro. Na pandemia, eu falei que estava fazendo um disco e queria fazer uma música com ele e ele me ofereceu um poema", ela conta.

Logo depois, inspirada pelo que ouviu, ela compôs a melodia sem mexer em nenhuma palavra do poema original. A faixa ganhará também um clipe especial dirigido pelo cineasta Roberto Berliner ("Nise - O Coração da Loucura", "A Pessoa É Para o Que Nasce", "Todos os Corações do Mundo" e clipes icônicos dos Paralamas do Sucesso).

Completando 30 anos de carreira neste ano, a artista deu seus primeiros passos na carreira nos anos 90, como backing vocal para a banda Acabou La Tequila e sua estreia, com um disco homônimo produzido por Pedro Luís, foi em 1998.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Um grito das ruas

Após refletir o passado como força pro futuro no single "Agradeço", Daniel Shadow apresenta uma carta de intenções e determinações em "Sem Carona Pra Jack". Parceria com Dalsin e Scarp, a faixa é um grito das ruas e chega junto de um clipe para antecipar o novo álbum do artista. "É uma música afirmativa, que ostenta a postura, a atitude posturada, o 'pé na porta'. Dos que se afirmam e se posicionam na vida e que não darão carona para os que não estavam junto desde o início e querem chegar agora que o jogo virou", conta.

Divulgação

Paula Duarte/Divulgação



### Montanhas inspiradoras

Pianista e compositor radicado em Juiz de Fora, Guilherme Veroneze fez das paisagens de Minas Gerais a fonte de inspiração para uma música contemplativa e poética em seu "Entremares", álbum previsto para o fim de novembro. Este será o primeiro de sua discografia após alguns singles e EPs. A primeira mostra deste trabalho é "Névoa", uma faixa que vai evoluindo em camadas de melodia, como a bruma dançando nas montanhas. "Névoa" é o ponto de partida do álbum. A partir dela, comecei a compor mais músicas tendo como inspiração a natureza ao meu redor", conta.



Divulgação



### Evocação à saudade

Alternativo, bossa nova e indie folk se encontram no som de Iramano, artista carioca que mostra novas facetas em seu sexto EP, "blissfully yours". O projeto é uma viagem sonora a sons familiares, reunidos como lembranças e imagens poéticas. "Este EP explora o tema da saudade e do desejo de preservar momentos efêmeros de felicidade. As três músicas falam sobre a mesma coisa, porém de perspectivas diferentes e escritas em momentos distintas", conta Iramano, que é o alter-ego do cantor, compositor e multi-instrumentista Ramon Pozzi.



## CRÍTICA / FESTIVAL / O QUILO É NOSSO

## 40 anos da mais deliciosa invenção

Por **Cláudia Chaves** Especial para o Correio da Manhã

**O** Brasil pode não ter prêmio Nobel, mas tem três “invenções” únicas no mundo: o consórcio, o crediário e a jóia da coroa, a cereja do bolo, o restaurante a quilo.

Somos daqueles que ir ao quilo é uma experiência desesperadora com “oh dúvida cruel” que a mente esmaga. Olhar os legumes e ficar com culpa e correr os olhos direto para as frituras, o torresminho da feijoada, os empadões, a picanha mal passada. E ter vontade de chorar por não conseguir comer todas



Divulgação

**O filé de tilápia ao molho de alcaparras come-se sem qualquer acompanhamento**

aquela tentações.

Assim, o convite para ser jurada da competição gastronômica “O Quilo é Nosso” foi literalmente juntar a povo com a vontade de dormir (o trocadilho é horrível, mas o sen-

timento é exatamente esse). Em celebração aos 40 anos do modelo de comida a quilo no Brasil, o concurso, promovido pela Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel), reúne restaurantes de várias regiões do país para disputar o título de melhor restaurante a quilo.

Cada restaurante escolhe um prato e o

coloca em destaque. Fomos eu e Teresa, a doceira de mão cheia, à nossa primeira experiência: O Aipo e Aipim, de Copacabana.

Primeiro, tivemos uma recepção magnífica da Cida, a gerente que está na casa há anos (sinal de boa gestão); e da Renata que nos cuidou. Aliás, notamos que o modo de tratamento é igual para todos os clientes: gentil e carinhoso.

Começamos pelo prato: filé de tilápia com molho de alcaparras. A tilápia estava macia, com a fritura/grelha sem ressecamento, com as pontinhas douradas. O molho de alcaparras é daqueles sem qualquer economia, com a manteiga (mesmo) escorrendo. Comemos sem qualquer acompanhamento.

Depois de cumprir a obrigação, fomos à devoção. Fomos aos pastéis de carne (bem temperada) e queijo (catupiry) crocantes; o bolinho de bacalhau de ótimo tamanho com o sal no ponto certo. A farra continuou no ceviche de camarão de qualidade, no file mignon da churrasqueira, batata doce assada com alecrim. Tudo fresco e saboroso. Concluímos que a gula pode ser um pecado capital, o melhor deles, e atire a primeira pedra.

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

## O éclair gigante

Millena Sá, craque da autêntica pâtisserie francesa, lança o éclair gigante. Equivalente a 5 éclairs do tamanho tradicional, o doce é perfeito para ser compartilhado entre família e amigos. O recheio é de chocolate branco, morangos frescos e a iguaria é finalizada com calda de cremoux de chocolate preto e crumblé, sendo feita na mesa pela própria pessoa. A Éclair Cafeteria e Bistrô fica na Loja 141, Praça XV - Nível Lagoa, no Barrashopping. O local é um passeio pelo melhor da culinária francesa.

Tomás Vélez/Divulgação



Divulgação



## Nami recebe chefs

Localizado no Porto da Barra, em Búzios, o Nami, dos irmãos João e Luiz Yoshida, localizado no Porto da Barra, celebra 10 anos e convida chefs amigos para elaborar jantares especiais. Nesta quinta (26), a convidada é a chef Victoria Teles, do Galeria, no Insólito Boutique Hotel, também em Búzios. Com passagens por importantes restaurantes mundo afora, os irmãos comandam este autêntico restaurante de gastronomia criativa que navega de forma inusitada entre combinações de ingredientes que compõem a fusão latino/asiática.

Divulgação



## Gelato na primavera

É primavera, te amo, é primavera. Assim, no dia 23 de setembro, o Dia do Sorvete, o Talho Capixaba, em Ipanema, destaca os gelatos artesanais nesta estação das flores. As delícias são oferecidas em sabores selecionados como gran chocolate, baunilha, doce de leite, pistache Sicília, manga, frutas vermelhas, cappuccino crocante, banana trufada, pavê argentino e amarena. São servidos na casquinha ou copinho, ou ainda acompanhar o waffle ou o macaron da casa. A filial Ipanema fica na Rua Barão da Torre, 354, e funciona diariamente das 7h às 22h.